



A GRAMÁTICA DA BICHA SURDA: ENTRE CORPO, GESTO E RESISTÊNCIA

Warley Almeida Santos

Doutor em Educação e Saúde, Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP, Guarulhos, SP, Brasil
wharleysan@gmail.com

Erliandro Felix Silva

Doutorando em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC (UFABC), São Bernardo do Campo, SP, Brasil.
felix.silva@ifsp.edu.br

Resumo

Este artigo discute a produção de corpo, gesto e resistência a partir da experiência de uma bicha surda negra, tomando sua trajetória escolar e de vida como lugar de enunciação e de produção de saber. Ancorado em epistemologias surdas, estudos *queer*, interseccionalidade crítica e perspectivas decoloniais, o texto desloca a noção de inclusão para afirmar a bicha surda como sujeito político-epistêmico. Metodologicamente, articulamos escrita autoetnográfica com uma pesquisa de colaboração, realizada por meio de entrevista semiestruturada em Libras, gravada em vídeo, traduzida e transcrita em diálogo com o coautor surdo, com quem foram construídos e analisados eixos temáticos sobre corpo, desejo, escola, linguagem e afeto. A análise evidencia como a escola opera simultaneamente como dispositivo de normalização ouvinte, cisheteronormativa e branca, e como espaço de criação de brechas, a partir das quais, gestos, silêncios e desejos performados pela bicha surda instauram uma gramática própria, inassimilável pelas normas vigentes. Ao final, argumenta-se que essa gramática da bicha surda, entendida como corpo-linguagem em dissidência, produz outras pedagogias do gesto, da partilha e da resistência, contribuindo para repensar práticas escolares e pesquisas em educação que levem a sério as intersecções entre surdez, raça, gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Bicha Surda; Corpo-Linguagem; Dissidência; Interseccionalidade; Decolonialidade.

THE GRAMMAR OF THE BICHA SURDA: BETWEEN BODY, GESTURE, AND RESISTANCE

Abstract

This article discusses the production of body, gesture, and resistance based on the experience of a Black *bicha surda*, taking her school and life trajectory as a site of enunciation and knowledge production. Grounded in deaf epistemologies, queer studies, critical

intersectionality, and decolonial perspectives, the text shifts the notion of inclusion in order to affirm the *bicha surda* as a political-epistemic subject. Methodologically, we articulate autoethnographic writing with collaborative research, carried out through a semi-structured interview in Libras, recorded on video, translated and transcribed in dialogue with the deaf co-author, with whom thematic axes on body, desire, school, language, and affect were constructed and analyzed. The analysis shows how school operates simultaneously as a device of hearing, cisheteronormative, white normalization and as a space for the creation of cracks, from which gestures, silences, and desires performed by the *bicha surda* establish their own grammar, inassimilable by prevailing norms. In conclusion, we argue that this grammar of the *bicha surda*, understood as body-language in dissidence, produces other pedagogies of gesture, sharing, and resistance, contributing to rethinking school practices and educational research that take seriously the intersections between deafness, race, gender, and sexuality.

Keywords: *Bicha Surda*; Body-Language; Dissidence; Intersectionality; Decoloniality.

1 INTRODUÇÃO

A surdez, o desejo e o corpo são três dimensões que, historicamente, foram separadas por discursos médicos, religiosos e até militantes. Ser surdo foi, durante muito tempo, considerado como deficiente¹, algo que nos remete ao contrário da eficiência, incompleto, passivo (Abreu, 2015). No que lhe concerne, ser bicha foi e ainda é ser desviado, escandaloso ou impróprio, em um mundo pautado pela heteronormatividade e a vigilância sobre os corpos (Abreu, 2015; Cabral; Dias, 2022). Quando esses dois corpos se encontram em um mesmo sujeito, o que se produz é não apenas silêncio, mas apagamento intencional.

Este artigo nasce da fricção entre esses dois lugares, da surdez e da dissidência sexual². Mais que abordar “homossexuais surdos”, escolhemos nomear como ‘bichas surdas’, palavra marcada, suja, dolorida, mas também afirmativa, potente, debochada e política. O termo *bicha surda*³ é, aqui, estratégia teórico-vivencial, uma vez que escapa da neutralidade, cutuca o

¹ Este artigo segue a perspectiva cultural para o entendimento da Surdez, tal como preconizam os autores dos estudos surdos, bem como, a legislação nacional (Brasil, 2002; 2005; 2021; Quadros, 2007; Abreu, 2015).

² O termo ‘dissidência’ é utilizado em sua acepção política e epistemológica, referindo-se a sujeitos cujas existências escapam às normatividades de gênero, sexualidade, linguagem e capacidade. Mais que marcar uma simples diferença, a dissidência é entendida como insubordinação a regimes de controle e padronização, especialmente no campo da surdez e da sexualidade. Assim, falar em “corpos dissidentes” é reconhecer formas de vida que resistem à domesticação normativa, que produzem saberes a partir da fratura, do gesto não autorizado e do silêncio que insiste em significar (Anzaldúa, 2012).

³ A expressão ‘bicha surda’ é mobilizada como categoria crítica, insurgente e epistêmica. O termo atua como um deslocamento semântico e político frente às normatividades cisheteroaudistas. Trata-se de uma reapropriação do insulto (*bicha*) aliada à experiência da surdez como corpo-linguagem dissidente. Ao nomear-se assim, o sujeito recusa a neutralização identitária e reivindica modos de existir que desafiam simultaneamente o capacitismo, a heteronorma e o higienismo linguístico. Essa escolha se ancora em autoras como Berenice Bento (2006), Gloria Anzaldúa (2012) e Judith Butler (2003), que pensam a nomeação como ato performativo e estratégia de resistência.

conforto e exige posicionamento. Na convivência com estudantes, colegas e artistas surdos LGBTQIA+, identificamos, mesmo sem uma metodologia de pesquisa formal, que suas experiências estavam atravessadas por múltiplos silenciamentos, que atravessam a ausência de representatividade, normatização da Língua Brasileira de Sinais (Libras), capacitismo dentro da própria comunidade gay, e por um tipo de solidão que é linguística, social e afetiva (Cunha Flôr; Sousa; Romário, 2024).

Outrossim, não pretendemos ‘dar voz’ a ninguém, porque essas vozes e mãos já existem, mas amplificar, tensionar e teorizar sobre o que essas existências nos dizem (Spivak, 2010). A escrita se dá a partir de um lugar comprometido, uma vez que um dos autores é professor, pesquisador, homem negro, com vivência próxima desses sujeitos, e comprometido com práticas pedagógicas bilíngues de surdos que reconhecem o corpo como *locus* de linguagem⁴ e o gesto como ato político. Então, a partir da contribuição de referências como Berenice Bento (2006), Judith Butler (2003), Guacira Lopes Louro (1997; 2004), Richard Miskolci (2012), Ronice Müller de Quadros (2007), Silvana Aguiar dos Santos (2013) e Glória Anzaldúa (2012), refletimos sobre como os corpos das bichas surdas performam resistência ao serem, simplesmente, o que são, inclassificáveis pelas normas.

A reflexão distribui-se em quatro movimentos: inicialmente, discutimos os corpos em dissidência e a escolha da categoria “bicha surda” como operador político-epistêmico; em seguida, apresentamos o percurso metodológico, com a escrita autoetnográfica e a pesquisa de colaboração realizada por meio de entrevista em Libras; depois, desenvolvemos a análise e discussão dos dados, explorando linguagem, desejo e gesto nas experiências escolares e de vida do coautor; por fim, tecemos as considerações finais, nas quais delineamos a gramática da bicha surda como corpo-linguagem em dissidência e apontamos implicações para a pesquisa e para as práticas educativas.

⁴ O conceito de corpo-linguagem recusa a cisão entre o corpo e a linguagem como esferas separadas. Inspirado por epistemologias surdas, teorias da performatividade e perspectivas decoloniais, o corpo-linguagem é entendido como território de inscrição simbólica, política e afetiva, no qual gesto, desejo e silêncio operam como formas legítimas de comunicação e produção de sentido. Em vez de canal neutro da linguagem, o corpo é aqui afirmado como linguagem em si, insurgente, encarnada e situada. Essa compreensão articula-se com a noção de “fala-corpo insurgente” (Anzaldúa, 2012) e com os saberes corporificados defendidos por Suely Rolnik (2006), Judith Butler (2003) e Caroline Gillemos (2020), para quem o corpo que sinaliza, deseja e resiste é produtor de mundos.

2 CORPOS EM DISSIDÊNCIA: A CATEGORIA “BICHA SURDA” COMO SUJEITO POLÍTICO-EPISTÊMICO

A escolha pelo termo “bicha surda” não é ingênua, tampouco gratuita. Ela é política, tensionadora e propositalmente desconfortável para certos discursos da norma, inclusive aos que se pretendem progressistas. Nomear-se ‘bicha surda’ é, nesse contexto, um ato de insubordinação aos sistemas que desejam higienizar tanto a sexualidade quanto a surdez. É declarar que não se deseja a neutralidade, nem o reconhecimento condicionado à palatabilidade heterocisnormativa⁵. É recusar o silêncio, mas também recusar a fala esperada. Historicamente, a palavra ‘bicha’ foi (e ainda é) usada como insulto (Bento, 2006).

No entanto, conforme argumenta Bento (2006), os sujeitos dissidentes se apropriam de termos que foram usados para ofendê-los, produzindo, com isso, uma reversão do estigma. A bicha que se assume como tal se inscreve, fora da lógica da masculinidade normativa. Ela performa um corpo que escapa da contenção, enquadramento e descrição. Isso, por si só, é um risco. Mas, e quando essa bicha também é surda? Aqui, o campo da dissidência se complexifica. A surdez, marcada socialmente como deficiência, carrega um histórico de medicalização, silenciamento e exclusão.

De acordo com Quadros (2007), o corpo surdo é visto como “corpo em falta” por não ouvir, por não falar como o esperado, por depender do gesto, olhar e movimento. Quando esse corpo é também o de uma bicha que se expressa com liberdade, desafia as normas de gênero e transborda feminilidade, temos um duplo incômodo para os regimes da norma: o corpo que não ouve e o corpo que deseja fora do permitido. Então, a interseção entre surdez e dissidência sexual não pode ser tratada como soma de opressões. Butler (2003) nos ajuda a compreender que os corpos se constituem na repetição das normas, mas também nas suas falhas.

A bicha surda não está à margem por acúmulo de faltas, mas porque seu corpo é lido como falha múltipla, porque ele não escuta, não fala (como querem), e ainda ‘gosta do que não deveria’, sexualmente falando⁶. Essa construção social da bicha surda como “erro” revela

⁵ O termo *heterocisnormativa* refere-se ao regime social e epistêmico que pressupõe como padrão legítimo e obrigatório a combinação entre identidade de gênero cisgênera (isto é, alinhada ao sexo atribuído no nascimento) e orientação heterossexual. Essa normatividade organiza relações sociais, expectativas de comportamento, práticas educacionais e políticas públicas, produzindo violências simbólicas e materiais contra aqueles que escapam desse modelo. No caso das bichas surdas, essa norma opera de forma interseccional, disciplinando simultaneamente o corpo, o desejo e a linguagem (Butler, 2003; Bento, 2006; Louro, 1997; 2004).

⁶ Aqui temos o impuro, o condenável, as relações que não deveriam existir, ou, apesar de existirem, devem ser silenciadas, engavetadas, escondidas dos reclames por um desejo único.

o quanto a linguagem opera como tecnologia de exclusão. Como lembra Louro (1997, p. 67), “a escola ensina os corpos a se comportarem” e o corpo da bicha surda, por sua própria existência, desaprende as lições do controle, desafiando as normas da sexualidade, virilidade e audição. Esse corpo grita, mesmo em silêncio. Ele sinaliza desejos.

O uso do termo ‘bicha surda’, então, não é uma etiqueta identitária no sentido tradicional, mas uma estratégia de desobediência epistêmica. Inspirado por Anzaldúa (2012), que nos convida a pensar os ‘corpos fronteiriços e mestiços’ como espaços de criação, afirmamos que as bichas surdas habitam esse limiar entre o gesto e o grito, a mão e a performance, o toque e a resistência. São corpos-linguagem. Corpos que não cabem.

A linguagem nunca é neutra, ela inclui, mas também exclui, pois permite expressões, e regula sentidos. Para sujeitos como as bichas surdas, a linguagem se torna, muitas vezes, campo de disputa e violência. Isso porque a língua de sinais frequentemente celebrada como símbolo de identidade e resistência surda também pode funcionar como mecanismo de normatização e silenciamento (Quadros, 2007). Quadros (2007) nos lembra que a Libras, enquanto língua visual-espacial, carrega modos de existência, epistemologias próprias e articulações culturais que desafiam o modelo dominante. No entanto, ao se institucionalizar, seja na educação, nas políticas públicas ou nas próprias comunidades, a Libras também é moldada por padrões hegemônicos de corpo, gênero e expressão (Gllemos, 2020).

Essa normatização pode ser sentida, por exemplo, nos gestos tidos como “exagerados” ou “afeminados”, frequentemente corrigidos em contextos educacionais. Quando uma bicha surda sinaliza com o corpo inteiro, com expressividade intensa ou com trejeitos tidos como “inadequados”, ela performa um desejo, um gesto *queer*, uma presença dissidente. Isso é, muitas vezes, reprimido, seja por professores, intérpretes ou membros da própria comunidade surda (Abreu, 2015; Cabral; Dias, 2022).

Gllemos (2020), ao analisar a visualidade e a performance na produção literária surda, destaca que o corpo que sinaliza é, também, um corpo que escreve. Nesse sentido, as bichas surdas inscrevem no ar seus afetos, suas dores, suas sexualidades e isso perturba o modelo de sinalização considerado “neutro”. O gesto deixa de ser apenas funcional e torna-se político, poético e erótico. É aí que se instala a violência epistêmica, quando se nega a essas performances, o *status* de linguagem legítima.

Anzaldúa (2012), em sua teoria da “fronteira” (*borderlands*), nos oferece uma chave para compreender esse limiar linguístico habitado pelas bichas surdas. Segundo ela, sujeitos fronteiriços vivem entre línguas, mundos e epistemologias. A língua da bicha surda, feita da

Libras, desejo, silêncio e corpo é, portanto, uma “língua de fronteira”, que não se encaixa na gramática normativa da língua portuguesa, ou da própria Libras padronizada. Trata-se de uma fala-corpo insurgente, que não apenas comunica, mas reivindica existência. O silenciamento dessas línguas dissidentes se dá, então, em múltiplos níveis, pela negação institucional de variações expressivas na Libras e ausência de vocabulário *queer* na língua de sinais, pela tradução heteronormativa feita por intérpretes, ou ainda, pela recusa de considerar os gestos como manifestação legítima de identidade e desejo.

Quando uma bicha surda tenta nomear o seu amor, o seu corpo, o seu prazer, o seu mundo, e não encontra sinais socialmente aceitos para isso, ela vive uma forma de apagamento que é ao mesmo tempo linguístico e ontológico. O silêncio, nesse caso, não é ausência, mas censura, não é vazio, mas interdição. Resistir a esse silêncio é criar novas línguas, novos gestos, novos modos de estar no mundo. Nesse contexto, pensar a linguagem das bichas surdas é pensar uma política do gesto que desafia o currículo da neutralidade, a gramática da contenção e a moral da descrição. Um gesto que grita, mesmo sem som, e que se recusa a ser domado (Cunha Flôr; Sousa; Romário, 2024).

A escola, a família, a igreja e a comunidade, todas essas instituições, ainda que por vezes se apresentem como espaços de acolhimento, operam mecanismos de controle sobre os corpos que escapam às normas. No caso das bichas surdas, esse controle se expressa de forma interseccional, atingindo a linguagem, o corpo, o desejo e a própria possibilidade de existir sem vergonha (Cunha Flôr; Sousa; Romário, 2024). Conforme aponta Louro (1997), a escola não é apenas um espaço de aprendizagem formal, mas um potente dispositivo de normalização dos corpos. É na escola que se ensina a sentar corretamente, a falar como se espera, a vestir-se de modo adequado e, sobretudo, a desejar de maneira silenciosa ou invisível. No caso das pessoas surdas, esse controle assume contornos ainda mais agudos, porque, muitas vezes, não basta aprender a sinalizar, é preciso sinalizar “comedidamente”, sem excessos corporais, sem trejeitos, sem desvio.

As bichas surdas, ao performarem com o corpo inteiro com movimentos amplos, expressões intensas, gestualidades carregadas de afeto ou erotismo rompem com esse modelo disciplinar, e é aí que entra a pedagogia da vergonha. Como descreve Bento (2006), a vergonha não é apenas um sentimento individual, mas uma tecnologia de controle social, pois ensina o sujeito a se policiar, se esconder e a não ocupar determinado espaço. A vergonha é ensinada em casa, na escola e nos templos como uma lição sobre os limites do corpo permitido.

Essas pedagogias operam com eficiência cruel, já que uma criança surda que expressa feminilidade é, muitas vezes, corrigida de forma violenta ora física, ora simbólica. É censurada por “sinalizar errado”, por “fazer gestos de bicha”, e por chamar atenção. Essa correção, não raro, vem daqueles que deveriam oferecer cuidado, tais como mães, pais, professores, intérpretes, entre outros agentes sociais. O corpo da bicha surda, desde muito cedo, é visto como corpo em excesso. Um corpo que precisa ser contido, moldado e domesticado (Abreu, 2015; Cabral; Dias, 2022).

Butler (2003), ao discutir a constituição dos corpos como efeito de normas reiteradas, nos lembra que o gênero e o desejo não são expressões autênticas de um eu interior, mas o resultado de performances reiteradas dentro de um regime de inteligibilidade. O que está fora dessa gramática como o gesto da bicha surda torna-se ilegível, ininteligível, indesejável e, por isso, precisa ser apagado. Esse apagamento é pedagógico. Ele ensina a não sentir, não desejar e não expressar, ensina também que há um modo certo de ser surdo masculino, contido, discreto, normativo. Ensina que o amor entre iguais deve ser escondido e que o corpo deve ser disciplinado para ser aceito. É assim que se produz a vergonha como afeto estrutural.

Mas, como lembra Lorde (2021), aquilo que é silenciado não desaparece, adoece, sufoca, mas também resiste. A resistência das bichas surdas está justamente na recusa de performar o corpo esperado. Ao insistirem em seus gestos, afetos e presenças, elas desestabilizam as pedagogias da vergonha, criam frestas no currículo da obediência, e fazem da linguagem uma estratégia de sobrevivência e criação. Em contextos educacionais, é urgente repensar práticas pedagógicas que reconheçam o corpo como território de expressão legítima e não como ameaça. É necessário desnormalizar a Libras, reencantar o gesto, permitir que o desejo tenha espaço na sala de aula. Assim, o silêncio se torna escolha e o corpo que sinaliza entende que também pode dançar, amar e existir sem medo.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS: ESCRREVENDO E PESQUISANDO COM UMA BICHA SURDA

Articulamos, em título de empreendimento metodológico, duas perspectivas, sendo elas, a escrita autoetnográfica situada, e a incorporação de uma entrevista semiestruturada com um dos autores do texto⁷, experiência encarna e expande a categoria político-epistêmica de ‘bicha surda’. A condução da entrevista ancora-se nos princípios da Pesquisa Crítica de

⁷ O participante é identificado na seção analítica como Félix, devido ao seu último sobrenome e ao ano de coleta das suas falas.

Colaboração (PCCol), conforme desenvolvida por Fidalgo e Magalhães (2022), que compreendem a pesquisa como prática social transformadora, baseada na interlocução horizontal entre os sujeitos envolvidos, com vistas à construção coletiva de sentidos. A PCCol rompe com a lógica de distanciamento entre pesquisador e participante, propondo uma ética do envolvimento crítico e da escuta ativa, em que os sujeitos da pesquisa são também sujeitos da autoria e análise.

A entrevista foi conduzida em Libras, com gravação em vídeo mediante consentimento ético e posteriormente traduzida e transcrita com cuidado para preservar os sentidos gestuais, espaciais e afetivos da sinalização. O roteiro foi estruturado em torno de cinco eixos: i) corpo, desejo e racialidade; ii) linguagem, Libras e normas; iii) educação, disciplina e vergonha; iv) afeto, redes e reconhecimento; e v) resistência, criação e gesto. As reflexões que emergem da entrevista foram analisadas de forma colaborativa com o coautor, à luz dos referenciais teóricos que sustentam o artigo, com destaque para as epistemologias surdas, a interseccionalidade crítica e a linguagem como gesto de mundo (Quadros, 2007; Abreu, 2015; Fidalgo; Magalhães, 2022).

Assim, a proposta metodológica compromete-se com uma escuta dialógica e a coautoria de sentidos, reconhecendo o corpo-linguagem da bicha surda como agente epistêmico, em um percurso que não busca representar o outro, mas construir com ele espaços de enunciação crítica, performativa e insurgente. O Quadro 1 apresenta roteiro da entrevista semiestruturada, elaborado com base nos princípios da PCCol (Fidalgo; Magalhães, 2022). As perguntas foram organizadas segundo os cinco eixos temáticos definidos no planejamento colaborativo com o coautor da pesquisa, considerando a escuta situada e compartilhamento de sentidos.

Quadro 1 – Roteiro de entrevista semiestruturada com base na PCCol.

Eixo Temático	Pergunta
Corpo, desejo e racialidade	Como você sente que seu corpo comunica algo mesmo quando está em silêncio? Já percebeu olhares ou reações ao seu corpo em movimento, em performance, em toque?
Corpo, desejo e racialidade	De que forma sua cor, sua raça ou seu pertencimento territorial atravessam sua experiência como bicha surda?
Linguagem, Libras e normas	Como você percebe a Libras na sua vida: ela te liberta ou te limita? Em quais momentos ela já foi instrumento de repressão?
Linguagem, Libras e normas	Já precisou “adaptar” seus gestos, sua expressividade ou sua performance para ser aceito em espaços educacionais ou comunitários?
Educação, disciplina e vergonha	Na escola, houve algum momento em que seu corpo, seu jeito de sinalizar ou seu desejo foram silenciados? Como isso foi feito?

Educação, disciplina e vergonha	Como você se lembra da vergonha: ela foi ensinada? Por quem? Em que momentos você a sentiu no corpo?
Afeto, redes e reconhecimento	Você já se sentiu reconhecido ou validado por outra bicha surda? Que tipo de gesto ou toque te fez sentir: “eu sou visto, eu sou lido”?
Afeto, redes e reconhecimento	Quais redes, espaços ou pessoas te fizeram sentir que seu corpo-linguagem era legítimo, bonito, potente?
Resistência, criação e gesto	O que é resistir, hoje, sendo uma bicha surda preta, periférica ou fora do padrão? Que gesto você deixaria como mensagem para outras pessoas como você?

Fonte: elaborado pelos autores com base nos princípios de Fidalgo e Magalhães (2022).

As perguntas foram organizadas em cinco eixos temáticos: i) corpo, desejo e racialidade; ii) linguagem, Libras e normas; iii) educação, disciplina e vergonha; iv) afeto, redes e reconhecimento; e v) resistência, criação e gesto, com o objetivo de acionar memórias, cenas e sensações corporais da sua trajetória escolar e de vida. No primeiro eixo, as questões buscaram compreender como o corpo comunica, mesmo em silêncio, e de que modo raça, cor e pertencimento territorial atravessam o modo como a bicha surda é vista, lida e desejada.

No segundo, focalizaram a experiência com a Libras, interrogando se ela funciona como potência ou limite, e em que situações a língua e as normas de sinalização foram mobilizadas como dispositivos de repressão, exigindo adaptações de gestos e performances para garantir pertencimento em espaços educacionais e comunitários. O terceiro eixo aproximou corpo e escola, perguntando pelos momentos em que corpo, desejo e forma de sinalizar foram disciplinados ou silenciados e por como a vergonha foi ensinada e sentida no corpo. O quarto eixo voltou-se às experiências de reconhecimento, convidando o participante a narrar encontros, redes e gestos que o fizeram sentir-se visto, validado e legitimado como bicha surda. Por fim, o eixo “resistência, criação e gesto” convocou uma elaboração mais diretamente política, ao perguntar o que significa resistir hoje, sendo uma bicha surda preta e periférica, e que gesto ele deixaria como mensagem para outras pessoas como ele, afirmando sua gramática própria de corpo-linguagem em dissidência.

Esse percurso metodológico, ancorado na pesquisa crítica de colaboração, implica uma redistribuição de lugares de fala e de poder na própria pesquisa. Ao assumir a bicha surda como coautora, e não apenas como participante, deslocamos os critérios de validade do estudo para a coerência entre teoria e prática colaborativa, para a fidelidade às experiências narradas em Libras e para a responsabilidade na tradução dessas experiências em texto escrito (Quadros, 2007; Spivak, 2010). A análise dos materiais foi realizada em movimentos sucessivos de leitura, discussão e reescrita conjunta, em que o coautor surdo pôde concordar, tensionar ou refutar interpretações, produzindo um texto que é, simultaneamente, registro de

trajetória, exercício de reflexão crítica e gesto de criação política. As linhas seguintes carregam nosso movimento analítico.

4 CORPO-LINGUAGEM EM DISSIDÊNCIA: ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS NARRATIVAS DA BICHA SURDA

Nesta seção, desenvolvemos a análise e discussão das narrativas produzidas na pesquisa, tomando a ideia de corpo-linguagem em dissidência como fio condutor para ler as experiências da bicha surda negra que coautoriza esse texto. As falas, cenas e gestos narrados na entrevista em Libras são compreendidos como enunciações que performam e teorizaram, a seu modo, as intersecções entre surdez, raça, gênero, sexualidade e território. Organizamos a análise em dois movimentos articulados: no primeiro, exploramos como linguagem, desejo e gesto tensionam os regimes de normalização ouvinte, cisheteronormativa e branca; no segundo, aproximamo-nos das cenas em que a escola, as redes de afeto e os espaços comunitários aparecem simultaneamente como dispositivos de disciplina e como lugares de criação de brechas, nos quais gestos que escapam e linguagens que insistem, instauram a gramática própria da bicha surda.

4.1 Linguagem, desejo e gesto: performar o impensável

Falar de bichas surdas é falar de linguagem, mas de uma linguagem que escapa do signo, que transborda o corpo e que se faz gesto de desejo. Em contextos nos quais o som é secundário, o toque, o olhar e o movimento ganham centralidade. Nessa centralidade do corpo que a dissidência se torna visível, desejante e perigosa. A linguagem das bichas surdas não é apenas comunicacional. Ela é poética, erótica, indisciplinada, rompe com a funcionalidade esperada da Libras vista, muitas vezes, como um mero instrumento para “incluir”, transformando-a em palco de desejo, em escrita performativa, em resistência encarnada. É uma linguagem que desafia, seduz, e nega a transparência e a neutralidade.

Butler (2003) nos ajuda a pensar que o corpo não apenas “tem” gênero, pois ele o performa, e essa performance pode subverter as normas. Quando uma bicha surda sinaliza com gestos cheios de afeto, intensidade que beira o dramatismo e marcas que cruzam gênero, ela está performando o impensável, criando linguagem nova. Essa linguagem não se encaixa nas gramáticas da Libras institucionalizada, ou na concepção cisheteronormativa de desejo.

Esse gesto impensável é, em si, político. Como afirma Rolnik (2006), o corpo é portador de um saber-vibração que resiste à captura. Quando as bichas surdas performam com

seus corpos-desejo, ativam um saber sensível que perturba os sistemas de codificação do sujeito normal. O gesto que deveria apenas significar, agora sente. Na lógica capacitista e heteronormativa, o desejo é disciplinado para caber. Mas nas performances das bichas surdas, o desejo escapa pelas mãos, olhos e toques furtivos. Ele se escreve no espaço entre corpos que se reconhecem mesmo sem voz (Spivak, 2010), que se amam sem gramática aprovada, que se excitam entre sinais não dicionarizados.

Falar de linguagem, desejo e gesto no contexto das bichas surdas é, portanto, falar de uma estética da existência, de uma política da presença que não se explica em palavras, mas que pulsa em cada movimento, desvio, e silêncio grávido de erotismo. O gesto, nesse caso, é linguagem em sua potência máxima, que conclama criação, denúncia e afirmação de que, mesmo impensável, o corpo existe e deseja (Abreu, 2015; Cabral; Dias, 2022).

A existência das bichas surdas não se resume à opressão, pois ela também é travessia, invenção e disputa de mundos. Nesse sentido, é fundamental compreender que essas subjetividades não estão marcadas apenas por uma identidade, mas por múltiplas intersecções, como gênero, sexualidade, surdez, raça, classe, religiosidade e territorialidade. Crenshaw (1991) cunhou o termo interseccionalidade para denunciar como as opressões não atuam de forma isolada, mas emaranhadas. No caso das bichas surdas, não se trata apenas de pensar as dificuldades de ser surdo em uma sociedade ouvinte, ou de ser gay em uma sociedade heteronormativa, mas de pensar o que significa ser bicha e surda, e preta e periférica, por exemplo. São camadas de exclusão que não se somam, se multiplicam.

É por isso que a resistência dessas subjetividades não pode ser analisada a partir de um só eixo. É nos cruzamentos entre o silêncio imposto, o desejo negado e o corpo controlado que se tecem formas de afeto e invenção. Como escreveu Lorde (2021, p. 43), “o erótico é um recurso profundamente feminino e subversivo” e, aqui, ampliamos esse entendimento para pensar o afeto e o erotismo das bichas surdas como forças de enfrentamento. O toque entre duas bichas surdas, por exemplo, carrega uma carga política, pois não é apenas gesto amoroso ou sexual, mas gesto de reconhecimento. É o sinal que diz: “eu te vejo”, “eu te leio”, “nossos corpos resistem juntos”. Esses pequenos gestos em festas, em redes sociais, nos bastidores de performances culturais são formas de sobrevivência e (re)criação de sociabilidades.

Anzaldúa (2012), ao falar da mestiçagem epistêmica dos corpos-fronteira, nos ensina que o sujeito dissidente cria novas rotas de sentido, ainda que a partir da dor. As bichas surdas fazem isso, mesmo sendo, muitas vezes, expulsas de comunidades surdas normativas, ou invisibilizadas em pautas LGBTQIA+ ouvintes, seguem inventando espaços de

pertencimento, redes de cuidado, performances de mundo. A resistência não é só barulho. Às vezes, ela é silêncio intencional, outras é o riso entre gestos, em outras, ainda, é o uso de um sinal inventado para nomear o amor. É por isso que a luta das bichas surdas é também luta pelo direito de existir em sua complexidade sem tradução, concessão e moldura.

4.2 Gestos que escapam, linguagens que insistem

Nossa análise, conforme indicado na metodologia deste artigo, se ancora nas falas do coautor entrevistado, que se assume como bicha preta, surda e periférica, produzidas no contexto da Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol). Para Fidalgo e Magalhães (2022), essa lente investigativa propõe uma *práxis* coletiva de produção de sentidos, implicada ética e politicamente com a transformação dos sujeitos e do campo pesquisado. A escuta da experiência do participante não é tomada como “dado bruto”, mas como gesto de autoria e enunciação epistêmica.

Inspirados pela concepção de Otilia Ninin (2018), que compreende a pergunta como ato que pode ser tanto monológico e avaliativo quanto dialógico e expansivo, compreendemos que a entrevista semiestruturada aqui utilizada buscou criar espaços a partir dos quais o sujeito pudesse significar suas experiências em seus próprios termos, transgredindo as fronteiras normativas da linguagem e da pesquisa. Para tanto, enunciamos algumas categorias que ajudam a explicar os efeitos de sentido produzidos. A primeira delas é “Corpo, desejo e racialidade: quando o corpo grita mesmo em silêncio”.

De acordo com Félix (2025), “Meu corpo comunica mesmo em silêncio porque ele carrega minha identidade surda e negra, que a sociedade insiste em ignorar”. Essa enunciação concentra camadas interseccionais potentes. O corpo negro, surdo, bicha são enunciados aqui como linguagem, presença não silenciosa, mas silenciada. Conforme Anzaldúa (2012), corpos fronteiriços habitam zonas de transgressão, produzindo línguas marginais, “não reconhecidas”, que mesmo sem voz ecoam insurgência (Spivak, 2010).

Na perspectiva da PCCol, essa escuta não busca “traduzir” o sujeito, mas reconhecer sua existência como potência epistêmica. O trecho evidencia o que Bento (2006) chamaria de gesto de reinscrição de si, um corpo que é, ao mesmo tempo, rejeitado e afirmado, apagado e re-existido. A performatividade corporal desafia os regimes de inteligibilidade da linguagem e do corpo normalizado. A linguagem desse corpo que resiste também é racializada. Ser preto, periférico e surdo significa ocupar simultaneamente os lugares daquilo que o projeto colonial

tentou controlar: o corpo que “fala errado”, que “sinaliza errado”, que vive demais. Esse excesso, como lembra Butler (2003), não é defeito, mas possibilidade de fuga da norma.

Na esfera da “Linguagem, Libras e normas: entre o gesto e o grito”, Félix (2025) enuncia que “A Libras me liberta porque é a língua que me dá voz [...]. Mas também já senti a Libras sendo usada como forma de repressão”. Essa contradição vivida no corpo-linguagem é fundamental para a análise (Spivak, 2010). A Libras aparece como território de pertencimento e, ao mesmo tempo, como campo de disputa simbólica e disciplinar, uma vez que o que liberta também pode ser capturado. Quadros (2007) alerta que a institucionalização da Libras, embora necessária, produziu também uma “gramática da contenção”, que exclui variações expressivas, afetivas e eróticas.

Nas palavras do participante, ser forçado a “suavizar os gestos” ou “esconder sinais” para caber nos espaços educacionais revela a face mais cruel da normatização, pois não se nega a língua, mas se define o modo “correto” de performá-la. Louro (2004) aponta que o corpo, ao fugir das formas esperadas, é capturado por pedagogias do controle que direcionam os sujeitos às normas sociais. A linguagem da bicha surda, nesse sentido, rompe com a funcionalidade técnica da Libras e se afirma como política do gesto (Gllemos, 2020), uma performance em que o desejo, o afeto e o corpo atravessam a sinalização. Como lembra Rolnik (2006), esse gesto que vibra e transborda é perigoso para os sistemas que desejam ordem porque ele não apenas comunica, mas vive.

Em relação à “Educação, disciplina e vergonha: a escola como dispositivo de contenção”, como esperado, Félix (2025) explica: “mandaram eu me comportar, sinalizar menos, parar de fazer graça... Tentaram me ensinar que havia um jeito ‘certo’ de ser surdo”. Essa fala explicita a pedagogia da vergonha não como evento isolado, mas como política contínua de apagamento. Conforme Bento (2006), a vergonha é uma tecnologia de poder que ensina o corpo a se autocensurar. No caso em tela, a censura não recai apenas sobre o que ele diz, mas sobre como o seu corpo diz.

Ninin (2018) nos ajuda a compreender que a vergonha também pode ser instaurada por perguntas que carregam expectativas normalizadoras: “Você precisa sinalizar assim?” ou “Isso é Libras mesmo?”. Tais enunciados, ainda que sutis, são atos monológicos de contenção. A PCCol, ao contrário, propõe uma escuta que não deseja ajustar, mas compreender os sentidos encarnados de uma fala que é também gesto. Como lembra Louro (1997), a escola ensina o corpo a caber, e o corpo da bicha surda, nesse contexto, desaprende não por ignorância, mas por escolha estética e política. Ele não quer caber, mas criar frestas no currículo, cadeiras

enfileiradas e provas objetivas. O gesto que insiste em existir é, portanto, uma forma de autoria e aprendizagem.

Em termos de “Afeto, redes e reconhecimento: a gramática da escuta entre iguais”, destacamos a fala: “foi quando nossas mãos conversaram livremente, sem medo, sem censura... Ali, eu me senti lido” (Félix, 2025). Esse momento descrito pelo participante materializa o que Anzaldúa (2012) chama de “comunidade de fronteira” um espaço em que os corpos dissidentes se reconhecem, não por representatividade, mas por afeto, vibração e pertencimento. O gesto compartilhado entre bichas surdas torna-se idioma comum, não institucional, mas íntimo, político e erótico.

A escuta aqui não é um ato pedagógico formal, é um toque, um sorriso, ou uma risada sem tradução. A PCCol, ao propor a coautoria de sentidos, reconhece essas redes como formadoras de conhecimento situado, como zonas de desenvolvimento construídas na troca entre sujeitos que se compreendem por fora da lógica binária de certo/errado, masculino/feminino, normal/anormal (Fidalgo; Magalhães, 2022). Essas redes desafiam o currículo escolar e a normatividade da Libras padronizada.

Em “Resistência, criação e gesto: “onde quiserem silêncio, eu serei tambor”, o participante insiste que “resistir é criar beleza com o que nos feriu. [...] Onde quiserem silêncio, eu serei tambor. Onde faltarem palavras, eu serei sinal” (Félix, 2025). Essa declaração final do entrevistado sintetiza o gesto decolonial que estrutura todo o artigo. A bicha surda, longe de ser objeto de inclusão, é sujeito de epistemologia. Sua linguagem não é “alternativa”, mas originária de outros modos de existir e de aprender.

Na proposta da PCCol, a resistência não é apenas denúncia, é criação de mundo. O corpo que não se curva transforma a dor em tambor. O gesto que é censurado vira performance poética. O silêncio imposto torna-se sinal inventado. Ao longo da análise, fica evidente que o termo “bicha surda”, longe de ser apenas uma autodenominação provocativa, é categoria analítica e política. Como propõe Lorde (2021), é preciso transformar o silêncio em linguagem e ação. Esse estudo faz isso, já que transforma a escuta em colaboração, a vergonha em enunciação, e o gesto em análise.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo emerge do encontro entre uma escuta radical e um corpo que insiste em existir fora das normas. Ao tomar como ponto de partida a entrevista com uma bicha preta, surda, periférica, coautora deste trabalho, a escrita se comprometeu com a produção de uma

epistemologia encarnada, situada e coletiva. O percurso metodológico sustentado pela Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol) possibilitou a construção de um espaço dialógico e ético, em que a escuta se fez política e o gesto se fez linguagem. As análises revelaram que a comunicação da bicha surda, composta de sinais, corpo, desejo, silêncio e fúria rompe com as amarras das pedagogias normativas, dos currículos excludentes e das gramáticas instituídas da Libras.

A experiência narrada não é exceção, é sintoma, o sintoma de uma estrutura escolar que, mesmo ao falar em inclusão, frequentemente silencia as formas de existir que transbordam a norma. Ao discutir o corpo como linguagem, reconhecemos que o corpo dissidente não apenas comunica, mas pensa, formula, provoca, teoriza. A bicha surda, nesse cenário, não é objeto de inclusão, mas sujeito de transformação, produtora de deslocamentos epistêmicos e curriculares. A Libras, nesse processo, aparece como território de disputa, no qual se confrontam os saberes normalizadores e os gestos inventivos que brotam da periferia, negritude, dissidência sexual e surdez.

O que o percurso investigativo nos mostra é que há uma pedagogia do gesto, da partilha, do afeto e da resistência, sendo forjada por esses corpos uma pedagogia que não cabe nas diretrizes, mas cabe na escuta, no toque e no riso que escapa. A crítica à pedagogia da vergonha, aos dispositivos disciplinares e à normatização da Libras se faz aqui como convocação à criação. Ao ecoar a fala do participante “onde quiserem silêncio, eu serei tambor”, o artigo afirma que o corpo-linguagem da bicha surda não espera autorização para existir, já que ele se impõe, reconfigura e reencanta o mundo, mesmo quando tudo ao redor insiste em domesticar.

Por fim, este trabalho se inscreve como gesto de ruptura e reexistência. A escolha pelo termo “bicha surda” como categoria política e analítica aponta para a urgência de produzir conhecimento a partir das margens, das dores e dos desejos que a academia tantas vezes tentou disfarçar. O gesto que aqui se escreve é, também, um convite a escutar com o corpo inteiro, a perguntar com responsabilidade e a resistir com beleza. É com base nessas reflexões que devemos buscar espaços de sociabilidade abertos à livre manifestação de todas as identidades, daquelas que falam às que sinalizam, aos diferentes modos de ser e sentir.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Fabrício Santos Dias de. **Experiências linguísticas e sexuais não hegemônicas: um estudo das narrativas de surdos homossexuais**. 2015. 171 f., Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 abr. 2002**. Reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002.
- BRASIL. **Decreto n.º 5.626, de 22 dez. 2005**. Regulamenta a Lei 10.436/2002 e o art. 18 da Lei 10.098/2000. 2005. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/.../d5626.htm>. Acesso em: 5 mar. 2024.
- BRASIL. **Lei n.º 14.191, de 3 ago. 2021**. Altera a LDB para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, 4 ago. 2021.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CABRAL, Rebeca Garcia; DIAS, Pâmela da Conceição Silva. "Tem bicha surda aí?": Reflexões Sobre a Potência da Comunidade Surda LGBTQIA+. **COR LGBTQIA+**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 111–131, 2022. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/549>. Acesso em: 10 dez. 2025.
- CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- CUNHA FLÔR, Cícera Patrine; SOUSA, Rômulo de Lima; ROMÁRIO, Lucas. “Parece que eu tenho duas identidades, e é lindo! identidade surda e LGBT! eu sinto orgulho”!: língua de sinais, sexualidade e educação no contexto da comunidade surda. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 348–370, 2024. DOI: 10.14295/de.v12i1.17400. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/17400>. Acesso em: 10 dez. 2025.
- FIDALGO, Sueli Salles; MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. Critical Collaborative Research. **Psic. da Ed.**, São Paulo, n. 54, p. 107-117, jan. 2022. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-35202022000100107&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 jul. 2025.
- GLEMMOS, Caroline. **Línguas de fogo: poéticas visuais e insurreições surdas**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216742>. Acesso em: 3 jul. 2025.

LORDE, Audre. Irmã **Outsider**: ensaios e discursos. Tradução de Heloisa Pires Lima. São Paulo: José Olympio, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NININ, Maria Otacília. **Da pergunta como ato monológico avaliativo à pergunta como espaço para expansão dialógica**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010. 135 p.